



DEUS, AMOR, MORTE E AS ATITUDES LÍRICAS NA POESIA DE HILDA HILST

Francisco Alves Gomes* (UnB)

A obra de Hilda Hilst vem ganhando cada vez mais espaço entre a crítica especializada, e por mais que seja problemático situar o texto hilstiano, dentro do sistema literário brasileiro uma coisa é certa: a literatura de Hilda tem muito a dizer, e graças a estudos louváveis, podemos crer na formação de um horizonte de expectativa que favoreça um encontro entre o imaginário dessa escritora e o grande público por quem Hilda Hilst suspirou atenção durante o longo período em que se dedicou exclusivamente a escritura literária.

Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque é mestre pela Universidade de São Paulo, com a dissertação *Tradição e memória: a poesia de Luiz Bacellar em três movimentos*, e doutor também pela USP em 2002 com a tese intitulada: *Deus, Amor, Morte e as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst*¹, publicada em livro no ano de 2011. A obra nos traz um estudo pormenorizado da poética dessa autora, levando em conta a presença das categorias Deus, Amor e Morte, não apenas como fatores latentes na poesia, mas responsáveis por engendrar a tessitura textual de tal forma a lhe conferir um todo visceral e coeso, ou nas palavras de Gabriel, “uma predominância de certo idealismo de base teológica”.

Seccionado em quatro partes, o livro de início sinaliza nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet e Anatol Rosenfeld, evidenciando o olhar de cada um desses críticos sobre a produção poética de Hilda Hilst. Ao mesmo tempo, aponta as dissonâncias existentes entre os intelectuais que enfrentaram o texto poético de Hilda, tendo em vista o novo, o desconcertante, ou seja, aquilo que não se deixa encaixotar em fórmulas convenientes ao sistema literário, e por isso mesmo se faz rebelde para leitores, muitas vezes acostumados com uma poesia comportada.

Após delinear considerações sobre a fortuna crítica de Hilda Hilst, Gabriel Arcanjo segue para a análise da categoria *Deus* dentro do *corpus* poético escolhido. Nesse sentido, o escritor percebe nessa poesia a presença de um Deus dividido entre duas forças, o sacrifício e a súplica. Coadunadas dentro de um sistema, no qual o homem é responsável por tentar ajustar esses dois polos. Em especial para o poeta, esse trabalho requer um afas-



tamento de si e do outro, o que resulta num processo em que a alteridade é solapada nas tentativas de entender o mistério da existência de Deus diante do mundo moderno, mas que direta ou indiretamente tenta conectar-se com o metafísico.

Adiante o autor analisa de que modo o Amor como uma atitude lírica é contemplado na poética de Hilda Hilst. A ideia de esvaziamento do ser guia o raciocínio analítico do pesquisador, que também imprime dois espaços para melhor compreensão dessa categoria, imbuída de toda uma tradição literária, mas que em Hilst ganha feições difusas, ou para alguns herméticas, pelo menos no plano da linguagem. Tratando-se do homem, criatura essencialmente contraditória, a nostalgia e a volúpia funcionam como peças de um mosaico a formar uma imagem estranha, forte e intensa, tal qual fênix fadada às cinzas, mas que retorna para um momento de plenitude do ser.

O tempo como elemento fomentador da nostalgia do amor vivido ganha um tom nauseabundo, pois cede à volúpia que não obedece a racionalidade, e esse aspecto na poesia de Hilda Hilst é tratado por Gabriel Arcanjo como um pilar a desvelar a necessidade do eu poético de carecer voltar aos antepassados, onde o amor se realizaria animalesco e mítico.

No tocante à Morte o autor mergulha na filosofia de Kierkegaard, buscando a base para fundamentar o sentimento de angústia presente e persistente na poesia de Hilda Hilst. É interessante sublinhar a organização das temáticas escolhidas, a fim de tornar o livro um todo orgânico. O início com Deus, o entre-lugar situa-se no amor e o fim com a morte, presença constante em relação ao divino e ao amor erótico – sexual.

Nos domínios da morte ninguém é isento, nem mesmo o poeta, e por mais que este tente carnavalizar a situação a qual está predestinado todo ser humano, só resta estetizar a morte, enquanto um personagem dessa realidade, e não de mundos obscuros, distantes. Ao longo do capítulo, Gabriel Albuquerque aponta nas obras específicas de Hilda Hilst a presença de um *modus operandi* a ressignificar a morte. Em alguns momentos ela é animal, noutros uma paisagem ou ainda o alento a cumprir uma função contraditória, a da perturbação. Nesse caso a morte é tudo e o nada, no entanto, não pode ser uma musa para o poeta, sujeito situado numa coletividade que sofre com a inexorabilidade do tempo sobre os corpos, e que é responsável pela manutenção do temor do homem diante da morte, certa e implacável.



Diante dos poucos estudos sobre a literatura hilstiana, o livro *Deus, Amor e Morte e as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst* é uma voz fundamental a todos que desejam entrar nos meandros dessa escrita sinuosa, constituída de efeitos estéticos que não são captados com clareza num primeiro momento, e que necessitam de uma postura insistente por parte de leitores e pesquisadores. Outro mérito dessa obra é sua capacidade de dialogar temas tão amplos como Deus, amor e morte num mesmo terreno que é a poesia, estabelecendo assim um jogo de ampliações que não torna estanque cada uma delas, porém articula de forma engenhosa as intersecções existentes entre as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst. O trabalho do prof. Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque, além de importante para o endossamento da fortuna crítica de Hilda Hilst, é também um chamamento a todos, tanto leitores como críticos, que é necessário ter uma atitude de encontro com a literatura de Hilda Hilst, pois ela grita e espera com suas garras de “ódio-amor” pelo outro.

Notas

.....
* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB), goza de bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
¹ ALBUQUERQUE, Gabriel Arcanjo Santos de. *Deus, Amor, Morte e as atitudes líricas na poesia de Hilda Hilst*. Manaus: Editora Valer, 2011.